



ESSA BONECA TEM MANUAL:

A PLÁSTICA DO SEXO E O SEXO DE PLÁSTICO

Margarete Almeida Nepomuceno¹

O sexo de plástico

As primeiras bonecas e o gozo de brincar na infância estão subscritos como estratégias políticas de gênero. A marcar um espaço político das mulheres que se refletem no discurso de naturalização materna, a aninhar um modelo de filhas no braço. O gozo masculino associou-se a virilidade dos esportes, da bola, dos carrinhos, no jogo mágico que reproduz a força e o dinamismo. Muitos meninos brincaram de boneca, escondidos ou não, esta fuga é marcada por uma culpabilidade por poder escapar a naturalização dos desejos heterocentros. Uma ameaça ao sexo, ao gênero, a sexualidade.

No rastro do desejo incontido, brincar de bonecas atrás do gozo não permitido continua sendo uma procura em tempos pós-modernos. No rastro da liquidez das identidades fixas, onde escorrem a pluralidade do prazer, das manifestações do desejo, das possibilidades de experimentações corporais, a imagem da boneca reforça-se como um território a ser explorado, construído, manuseado, apalpado nos fluxos contínuos da sexualidade.

Bonecas deixam o caráter do estranho e aproximam-se cada vez mais do que chamamos de real, da verossimilhança com o humano. O sexo com bonecas é mais do que um sexo de plástico, mas institui uma *plástica do sexo*, onde se coloca em questão a própria corporalidade e relação entre natureza e máquina. O hibridismo entre o corpo e a maquinaria do prazer, revela que somos todos ciborgues? Que nunca fomos humanos? Vejamos:

Toda manhã, Jason prepara o café. Passa manteiga em uma torrada e serve dois copos de suco de laranja. Vanessa está sentada à mesa, olhando para ele impassivelmente. Jason sorri para ela e pára por um momento para admirar suas feições. Em seguida, dá um caloroso abraço em sua companheira. Aparentemente, eles levam uma vida doméstica tranqüila. Jason ama Vanessa e se declara o tempo todo. Mas não recebe nenhuma resposta. Vanessa é assim: não fala, não faz críticas, não se queixa de nada, nem mesmo de ter que assistir a programas de esportes na TV. Nenhuma namorada de Jason jamais reagiu às suas manias dessa maneira.²

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPB). margaretea@gmail.com

² ROBINSON, Felicit. *Eles vivem com bonecas*. Revista Marie Claire Edição 188-Nov/06



Para Jason a sua Vanessa não tem igual entre todas as mulheres com quem viveu. Também pudera, nenhuma delas era feita de aço e silicone. Esse é o mundo dos que amam as *Realdoll*³, ou seja, bonecas reais, também conhecidas como *Lovedoll* ou *Sexdoll*, as irmãs muito, mas muito distantes das bonecas de plástico. Elas têm a textura da pele delicada, cabelos sedosos, olhos brilhantes, muitos contornos e orifícios. As *Realdolls* são as próprias “mulheres de verdade” do desejo de muitos homens: não falam, não tem TPM, não discutem a relação, não engravidam. Só estão à disposição do amor, obedientes, submissas ao desejo do outro. O paraíso, define muitos deles.

As *Realdolls* foram criadas desde 1996 pelo americano Matt McMullen e se diferem pela extrema semelhança com o que chamamos de ser humano. Nada de franksteins ou bonecas infláveis, as *Realdolls* são “imitações” perfeitas das “originais”. Através da empresa Abyss Creations, com sede nos EUA, qualquer um pode ter em casa uma boneca real que seduz pela beleza e acabamento sofisticado de sua produção. Cabe ao comprador, construí-la ao seu prazer. Tudo pode ser escolhido de acordo com as 15 versões da boneca oferecida pela empresa. Desenhadas para recriar a aparência, a textura e o peso de uma mulher orgânica, a começar pelo corpo, disponíveis nos tamanhos “voluptuosos” e “supermodel”. Na hora de preencher o formulário de pedido, o interessado pode discriminar a cor dos olhos, cabelos, lábios, unhas, cor da pele e até mesmo o tipo e o volume dos pêlos pubianos, como também altura, a aparência da idade, e é claro, o tamanho dos seios, da bunda e o número de orifícios que deseja.

Não é só a aparência que está em jogo. A performance da boneca também é decisiva para que aumente o grau de realidade. O tronco e os membros da *Realdoll* apresentam alto grau de flexibilidade devido a uma tecnologia cinematográfica utilizada na produção de bonecos animados, que consiste em inserir uma espécie de óleo não-tóxico entre as moléculas de silicone. Já a vagina, a boca e o ânus são feitos de um outro tipo de silicone ainda mais suave, elástico e escorregadio. Com um processo de formação de selo a vácuo quando há penetração em um dos orifícios da boneca, o resultado é um efeito de sucção que só aumenta o prazer do usuário.

Para que possam realizar as posições sexuais das mais inusitadas, as juntas da boneca são feitas de aço inox e podem ser dobradas em ângulos de até 180 graus. O esqueleto é de plástico PVC. Aturam também altas temperaturas, chegando até 300 graus centígrados. Se falta calor

³ As informações e depoimentos retratos neste artigo sobre as “*Realdolls*” foram adquiridas através do site www.realdoll.com e da reportagem “*Eles vivem com bonecas*”- Revista Marie Claire- Edição 188 - Nov/06



humano, a empresa até sugere que se esquite a boneca antes do sexo para que ela exale algo próximo dos sentidos sensoriais corporais aos quais estamos acostumados. As *Realdolls* são ainda impermeáveis, bóiam e suportam até 300 quilos. Não têm sabor, mas “transpiram” um suave aroma de frutas.

As bonecas são a maioria, no entanto existe uma versão masculina-Charlie- e ainda um modelo travesti. As real doll custam de 6 a 10 mil dólares, dependendo do que se deseja. O modelo standard possui orifício vaginal. Orifícios anal ou oral custam um acréscimo de 250 dólares. A versão luxo já vem com os três acessórios. Chegam à casa do comprador no máximo em 12 semanas. Todas já vêm vestidas com calcinha, corpete, cinta-liga, meia-arrastão, mini-vestido e sapatos de salto-alto - além de um kit de limpeza.

Segundo o criador das *Realdolls*, McMullen, seus clientes são variados. Há casais e até famílias que adotam suas bonecas. A idade também é heterogênea, entre 20 e mais de 50 anos, e o maior volume de vendas é para homens solteiros -mais da metade deles com experiência em engenharia ou tecnologia da informação. As qualidades de suas mulheres artificiais podem ser vistas em sites de bate-papos online ou na própria comunidade do site da *Realdoll*. No Brasil, o Orkut apresenta uma comunidade com este interesse: “Eu quero uma *Realdoll*”.

No admirável mundo novo, brincar de boneca rompe com os limites humanos da troca de fluidos corporais, do calor, da respiração, dos sons, dos sentidos. Tudo é reconstruído em nome do prazer. A carne não é mais algo que determina a relação sexual, o corpo hoje é design, uma re/apropriação do sentido da existência, um acessório maquinário como artefato da presença. Este é um trabalho de sobre-significação dos sentidos, que reivindicam um outro lugar para si, onde é o próprio corpo que está sob suspeita.⁴

A plástica do sexo

“É o melhor sexo que eu já tive! Eu juro ao deus! Esta Realdoll é melhor do que uma mulher real! É fantástica! Eu amo-a! Minha esposa não é tão boa quanto ela! Eu só poderia cair de amor por essa coisa.” (Howard Stern)⁵

Este é um dos depoimentos encontrados no setor de cartas ao site da *Realdoll*, em sua maioria, homens satisfeitos com o seu produto. Para Stern, o “melhor sexo que já tive” não vem

⁴ BRETON, David Le. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. SP: Papirus, 2003.

⁵ Depoimento extraído através da seção “letters” do site www.realdoll.com



de um significado de mulher orgânica, digamos assim, mas ao seu significante. Uma *Realdoll* não é uma mulher, como a sua esposa tão humanamente imperfeita, mas uma cópia perfeita dos traços fundamentais desse conceito redondo e macio.

Para dezenas desses depoimentos, o desejo parte de um significante, de uma imagem de mulher que pode, então, ser de borracha, desde que possua formas “femininas” capazes de despertar os sentidos que dão origem ao prazer. No entanto, no desejo sexual de parte destes homens, a relação entre significado e significante é ambígua, já que a significação, o conteúdo do conceito “mulher” remete diretamente para o seu significante visual. Dessa forma, uma mulher pode ser de aço e silicone, desde que tenha formas mamárias, curvas, bunda e orifícios. O que separa uma *Realdoll* de uma mulher “real” é um traço fino e delicado da significação por onde perpassa o prazer. Não é a toa que a escolha dos “modelos” destas bonecas reforça o estereótipo mais próximo de um significado de mulher, com sua feminilidade nas formas e expressões, o que nos leva a compreender que significante da boneca é o espelho mais do que perfeito do que se compreende ser uma mulher.

Esta é uma plástica do sexo, um investimento político através de discursos que inscrevem nos corpos uma ruptura no universo da sexualidade e do prazer, onde o sexo é plástico e por isso mesmo maleável, moldável de acordo com o interesse estabelecido. Esta é uma ambigüidade que provoca, perturba, mas também seduz.

“Eu recebi minha boneca hoje e eu não encontro palavras para descrever sua beleza. É apenas maravilhosa!!!! Eu a amo tanto!”(anônimo)⁶

Em vários depoimentos, em sua maioria anônimos, deixados no site da *Realdoll*, nota-se que existe o espaço da conjugalidade amorosa. Seja pelo desejo sexual, seja pela satisfação da presença, homens e bonecas são entes que se relacionam, já que é volátil a linha que separa o humano da “andróide”. Ser humano e máquina estão tão interligados que a natureza de cada um não é mais discernível. Este não é um gozo solitário, como em um processo masturbatório, a *Realdoll* “tem vida” própria, nome, corpo, identidade e no imaginário do seu “dono”, está ali não apenas para satisfazer suas fantasias sexuais, mas tomar café, assistir um filme, fazer companhia em tempos hipernarcísicos, de extrema solidão no mundo superpovoado de tantos outros, o desencontro com o humano se torna cada vez mais comum.

⁶ Id.



Em uma casa em Kansas, no Missouri, mora uma dupla de orgulhosos proprietários de quatro "realdolls". Warren, engenheiro de 45 anos, e sua mulher Elinor, corretora de imóveis de 52, insistem que elas são membros da família. Mas Jamie é especial. Enquanto o casal vê a TV, ela fica reclinada em uma cadeira na sala, vestindo camisola e robe e segurando um copo de uísque já pela metade. O interesse de Warren por bonecas começou durante seu primeiro casamento. Em um dado momento da relação, sua mulher não quis mais saber de sexo, e Warren não teve forças para arranjar uma amante ou pagar por uma prostituta. Para ele, qualquer das alternativas seria uma atitude imoral. Então, solucionou o problema comprando uma boneca inflável, que foi batizada de Angel. Mas, quando a mulher conheceu Angel, pediu o divórcio. Mais tarde Warren conheceu Elinor, que não vê qualquer tipo de impedimento para conviver com bonecas modernas, dessas que parecem gente. Ao contrário, adotou o fetiche do marido.⁷

Não se trata aqui em analisar patologias sexuais, a *Realdoll* é uma fissura dentro da solidez imaginada das sociedades, a naturalização do desejo por outras "espécies" desafia a norma estabelecida do padrão que conduz como e com quem deve ser direcionado o prazer. A paixão amorosa por uma *Realdoll* representa um desafio poderoso para as construções das fronteiras do corpo, abrindo espaço para configurações transformadoras que sempre carregam o traço do Outro. A desorientação resultante desestabiliza pressupostos sobre o eu e Outro.⁸

Boa parte deles também compara a descoberta da "realdoll" a uma paixão. É o caso de Chao, um estudante de 27 anos que vive nos Estados Unidos. Ele escreveu a seus pais, que moram na China, pedindo dinheiro para que pudesse comprar uma mulher artificial. Seu argumento mais forte é que não pode viver sem ela porque está apaixonado. "De um lado, queria que ela chegasse logo. De outro, tenho tempo para me preparar", diz um amante de bonecas. Seus preparativos incluem a construção de um carrinho de madeira com rodas que servirá como suporte para uma poltrona. Assim, ele poderá colocar a sua "mulher" de 44 quilos sentada e empurrá-la com facilidade pela casa ou mesmo nas ruas. "Ela vai me fazer companhia sempre."⁹

Toda descontinuidade guarda em si traços da sua continuidade. Os amantes das *Realdolls* reforçam o modelo heterocentrado de uma tipificação feminina dentro dos padrões mercadológicos. O corpo modelado é feito para representar o desejo da perfeição das imagens de mulheres espetacularizadas pelo discurso midiático das modelos, das atrizes hollywoodianas, das ninfetas. Embora a variedade sempre grande, seus corpos seguem o modelo padrão, assim também como o desejo sexual no qual estão inseridos.

Como esquecer os investimentos econômicos e midiáticos em torno do sexo, neste mundo de imagens no qual estamos mergulhados, das mensagens explícitas e implícitas que ativam todo um campo conotativo em torno da sexualidade, da juventude, beleza, prazer e emoção? O indivíduo assim interpelado aceita e incorpora a imagem que lhe é oferecida e as opções que lhe são reservadas como sua própria representação; torna-se assim a encarnação da representação social, auto-representação de uma identidade que lhe é conferida.¹⁰

⁷ ROBINSON, Felicit. *Eles vivem com bonecas*. Revista Marie Claire Edição 188-Nov/06

⁸ SANTAELLA, Lúcia. *A Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paullus, 2003

⁹ Id.

¹⁰ SWAIN, Tânia Navarro. *As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades*. Labrys Estudos Feministas, web, v. 1-2, n. jan/dez, 2002.



A heterossexualidade reina dominante, já que “Charlie” é o único sobrevivente masculino no reino das mulheres bonecas. A questão é : aonde fica o desejo de escolha dos/as homossexuais? Não existe opção para os bonecos que atendem o desejo de outros homens nem foi pensado em um designer que favoreça o prazer entre mulheres. Até mesmo as que seguem o modelo heterossexual tem que se contentar com a carinha e o corpão do único modelo masculino em oferta. O travesti- sem nome- sucumbe ao campo do desejo anônimo, sem reconhecimento, tratado apenas como um apêndice no jogo do prazer subterrâneo.

As *Realdolls* representam o desejo falocêntrico, patriarcal, de denominação heterosocial. E assim, Adão continua criando suas Evas, não mais feitas da sua costela, mas de silicone e aço, seguindo a imagem e semelhança do padrão arquetípico e midiático do feminino. Bonecas silenciosas que representam a permanência à uma submissão do prazer e domínio estritamente masculino. Embora, poucos reconheçam que neste jogo de poder, dominados e dominantes são ilusórios, não há lugar fixo para esta equação. Quem domina quem? Os homens supostamente pelo falo através do domínio das mulheres-bonecas? Ou as mulheres-bonecas com suas performances da perfeição criam dependentes do amor, da companhia e do sexo?

Neste sentido, as *Realdolls* fazem parte do que Foucault conceitua como economia política do corpo¹¹, um corpo definido em termos de materialidade, isto é, como matéria inclinada a experimentar uma variedade de operações simbólicas e materiais: o corpo da boneca só reforça o desejo de controle do corpo das mulheres, devendo-se fazer dócil, submisso, erótico, utilizável, produtivo aos seus prazeres. “Trata-se de uma moral de homens: uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçada a homens, evidentemente, livres”¹². O que nos mostra Foucault é que este é um processo de exclusão, mas principalmente de desqualificação das mulheres enquanto agentes de uma ética que não fazem parte, conseqüentemente, enquanto sujeitos.

Encenação dos corpos

¹¹ Podemos encontrar várias referências de Michel Foucault sobre política do corpo, como nas obras *Vigiar e Punir* ((1987) e *História da Sexualidade: a vontade de saber* (1984,1998,1994).

¹² FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade e política. Organização: Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos & escritos V.). p. 13.



Para abrir algumas dobras sobre questões relativas à presença da *Realdoll* no campo afetivo e sexual, percorremos o território da corporeidade assumida pelas bonecas através da significação dada pelo Outro. Nossa intenção é discutir o processo do construto do corpo, suas encenações e performances como resultado de investimentos tecnológicos que desestabilizam as noções de natureza e artifício.

O olhar-se no espelho determinava quem éramos através de uma imagem feita de contornos e pele. O eu passara a ser esta entidade de fronteira definida pelo corpo, que se movimenta, copula, corre, dorme, sente dor, fome, prazer, cresce e degenera. O corpo na Modernidade sempre foi experienciado por uma individualidade intransferível e quase nunca questionada.

A imagem deste mesmo espelho se liquefez. Este corpo racional e uniforme se evaporou. Junto a ele, as questões de identidade, de subjetividade, sexualidade, gênero, relações sociais, culturais. A complexidade de si é agora o espelho multifacetado da própria imagem. O corpo se multiplica, se fragmenta, se forma, se deforma, se constrói, se virtualiza, borram-se as fronteiras, as definições, até alguns anunciarem o seu próprio fim.¹³

O caso das *Realdolls* nos faz pensar o corpo como processo de produção permanente que nos leva a novos desenhos de cartografias que ultrapassam os limites do indivíduo. Podemos dizer que são construções da singularização que se realiza na integração de vários processos em conexão, que inventam e se refazem nas relações do corpo, com o corpo e fora do corpo, instaurando outras formas de presença, outros estilos de ser e estar no mundo. É o agenciamento do humano e o não-humano, da carne e do metal, do cérebro e do silício.

Para Ieda Tucherman(2001), o indivíduo emerge não de uma evolução linear da espécie humana, independente e determinada, mas de um mundo complexo, onde se mistura a biologia, a técnica, à política, entre outros processos de corporificação. Vai mais adiante, nos forçando a repensar o processo ilusório da dualidade:

Não há, como nunca houve, subjetividade de um lado e a técnica do outro. Do mesmo modo criticamos os dualismos tradicionais, a saber: sujeito e objeto, natureza e cultura, interior e exterior, corpo e alma, natural e artificial, homem e máquina, precisamos repensar talvez o último avatar do binarismo: a oposição entre

¹³ O antropólogo francês David Le Breton sugere que o corpo Moderno é o corpo efêmero, objeto transitório, manipulável, esfacelado, múltiplo, uma bricolagem, um vestígio. Confere-se nas obras: *Adeus ao Corpo*-Antropologia e Sociedade (1999) e, *A Sociologia do Corpo*(1992). Temos também referência sobre o tema em Paula Sibilia, no livro *O homem pós-orgânico*- corpo, subjetividade e tecnologias digitais (2002).



*humano e não-humano.(...)O corpo projeto é, ou pode ser, totalmente ligado à invenção e articulação de novos territórios existenciais.*¹⁴

É o que Donna Haraway(2000) chama de “nova carne”¹⁵. Os ciborgues são estes entes que vêm desconstruir a idéia totalizante e pura das identidades, de seus gêneros e escolhas sexuais, onde os tecno-humanos obrigam a instaurar uma relação social ambígua e indeterminada.

Haraway propõe pensar o ciborgue como redes, conectadas por informações virtuais, de conexões, de fluxos e intensidades. Para ela, o mundo ciborgue é em favor do prazer da confusão de fronteiras, do não-naturalismo, que não aprova qualquer narrativa de origem que faça um apelo ao estado original do ser, nenhuma matriz identitária, nenhuma construção da totalidade.

A materialidade plástica do corpo é uma matéria-prima possível de redefinição, de modelamento, um objeto transitório, manipulável, remanejável, onde se exhibe uma identidade escolhida. “O corpo tornou-se a prótese de uma busca de uma encenação provisória para garantir um vestígio significativo de si”¹⁶. Esta é uma forma de como o corpo atua na multiplicação de encenações para sobre-significar sua presença no mundo, o que exige trabalhar constantemente este corpo a fim de aderir em si, uma identidade efêmera, multiplicando os signos de sua existência na visibilidade do seu corpo.

Para Paula Sibilia (2002) este é um momento de infinitas “pulsões mutantes”, referidas a partir de catálogos atraentes e sempre perecíveis e renovados de modos de ser no mercado, como no caso das *Realdoll*.

*No lugar das identidades fixas de outrora, hoje proliferam novas modalidades de ser: identidades prêt-à-porter e kits de perfis-padrão, pacotes subjetivantes oferecidos nas mídias e vitrines para serem consumidos e descartados rapidamente, conformando ‘identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade.*¹⁷

Os usuários das *Realdolls* são constantemente definidos como pervertidos, fetichistas, anormais, pela expressão do desejo diferente do estabelecido. Entra então discursos normalizadores das subjetividades, das identidades, da construção da sexualidade. Normalizar

¹⁴ TUCHERMAN, Ieda. *Inventando Corpos*, in: SILVA, Dinorá Fraga da e FRAGOSO, Suely(orgs.). Comunicação na Cibercultura. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p. 158

¹⁵ HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 144p. (Coleção Estudos Culturais).

¹⁶ BRETON, David Le. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 29

¹⁷ SIBILIA, Paula. *Homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 209.



significa hierarquizar, valoratizar, eleger “algo” como a referência, o padrão, o modelo a ser seguido. Neste sentido, a sexualidade “normal” é a “natural”, a que deve ser seguida e nunca questionada.

Foucault(2004) já se perguntava: “*precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?*”¹⁸ Não há como negar que os desejos “vazam” as normas, cruzam as fronteiras, apesar de todo esforço pedagógico para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade “legítima”. Se existe uma matriz da identidade heterossexual e suas definições sobre o que é um homem e uma mulher, há consequentemente, o seu espelho invertido, aquilo que não corresponde à “verdade”. Neste caso, o sistema de poder sobre os corpos e os desejos, paradoxalmente, oferece o caminho à transgressão, à subversão da ordem do “verdadeiro sexo”.

Para aqueles que transpassam as da normalização do desejo sexual, como os amantes das *Realdolls*, o corpo design ganha outras significações justamente pela sua maquinaria, pela beleza da perfeição, pela liberdade da escolha de artefato tecnológico no qual se inscreve o seu prazer.

Theresa de Lauretis (1994) aponta as “tecnologias”¹⁹ como procedimentos e técnicas sociais que produzem a sexualidade tal como a vivemos, em um mundo de representações urdido pelos discursos, imagens, saberes, críticas, práticas cotidianas, senso comum, artes, medicina, legislação. Todo corpo contém virtualidades de outros corpos que podem ser revelados através da simbólica da sua estética, da sua subjetividade e de seus afetos e desejos. A materialidade plástica do corpo é uma matéria-prima possível de redefinição, de modelamento, um objeto transitório, manipulável, remanejável, onde se exhibe uma identidade escolhida.

Para a Teoria Queer²⁰ é importante abrir fronteiras para outras formas, sentidos e percepções de compreensão dos corpos e sexualidades. A vivência do corpo e do desejo sexual dos amantes das *Realdolls* passa por processos de aprendizado, de interiorização, de uma

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Organização: Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos & escritos V).

¹⁹ LAURENTIS, T. *A tecnologia do gênero*. In Hollanda, H.(org), *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

²⁰ O termo queer é utilizado muitas vezes pela sociedade americana para se referir aos gays e lésbicas de forma pejorativa. A partir do movimento homossexual nos anos 80, ganha um caráter político de oposição e não-normativo, ampliado posteriormente nos estudos de gênero, como teoria queer, aquela que é favorável a uma estratégia descentralizadora ou desconstrutivista da política de identidade no que se refere à transgressão, ao estranho, aos que estão fora da norma dentro de suas relações sociais e culturais de gênero e sexualidade. Para saber mais: Spargo(1999), Swain(2001), Bourcier (2001), Preciado(2002), Butler(2002), Jimenéz(2002), Louro(2004).



construção pessoal de suas performances com as suas máquinas desejanter. ²¹ Libertar-se dos apegos que os credenciam como “legítimos”, seja no comportamento normativo seja como transgressor, necessita de uma liberdade para as novas incorporações do sexo escolhido e desejado.

Voltamos para a questão inicial. As *Realdolls* nos revelam que nunca fomos humanos? Nossa “humanidade”, como alarda o pensamento pós-estruturalista, não é uma origem, mas uma invenção, um efeito da diferença. Em tempos ciborgues não se distingue mais o que é biológico ou tecnológico. Somos resultado de uma montagem? Assim como as peças das “bonecas reais” vão formando sentidos, estamos bricolando nossa existência, que resulta não em originalidade, em exemplares únicos, mas numa improvisação contínua. “*Nunca fomos humanos. Radicalizemos, pois, a invenção*”.²²

Referências:

BRETON, David Le. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003. 240p.

_____. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 101p.

BOURCIER, Marie-Hélène. *Le Queer Savoir*, in *Queer zones – politiques des identités sexuelles, des représentations et des savoirs*. Balland, Paris, 2001.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 236p.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. 120p. (Coleção TRANS).

_____. _____. *O Anti-édipo*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa; Assírio & Alvim, s/d. 430p.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol.1. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 152p.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. 228p.

²¹ Máquinas desejanter é um termo utilizado por Deleuze e Guatarri em várias de suas obras (*O Anti Édipo*, 1976; *Mil Platôs*, 1996) para falar sobre os sistemas abertos e fluxos de recorrência involuntária em que tudo se produz, inclusive a Natureza, a Sociedade e a suposta oposição entre ambas.

²² A citação faz parte da apresentação de Tomaz Tadeu da Silva sobre o livro *Nuca Fomos Humanos: nos rastros do sujeito* (2001)



_____. Ética, sexualidade e política. Organização: Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos & escritos V.)322p.

JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida(ed.). *Sexualidades Transgressoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria,2002

LAURENTIS, T. *A tecnologia do gênero*. In Hollanda, H.(org), *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96p.

HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 144p. (Coleção Estudos Culturais).

SANTAELLA, Lúcia. *A Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paullus, 2003. 357p.

SIBILIA, Paula. *Homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumar, 2002. 232p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Tradução e organização: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.206 p.

_____.(org.). *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 144p. (Coleção Estudos Culturais).

SPARGO, Tamsin. *Foucault y la teoría queer*. Título original: *Foucault and Queer Theory*. Tradução em espanhol: Gabriela Ventureira. Barcelona: Gedisa, 1999. 89p.

SWAIN, Tânia Navarro. *As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades*. Labrys Estudos Feministas, web, v. 1-2, n. jan/dez, 2002.

TUCHERMAN, Ieda. Inventando Corpos, in: SILVA, Dinorá Fraga da e FRAGOSO, Suelly(orgs.). *Comunicação na Cibercultura*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.215p.